
Proximidades entre jornalismo literário e jornalismo ambiental: objetividade, subjetividade e ativismo em articulação¹

Ana Carolina Poleze MESSIAS²

Ruth REIS³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Os estudos sobre o jornalismo ambiental apontam que ele requer uma prática engajada e educativa, o que se aproxima muito do que se tem denominado contemporaneamente de ativismo. Tendo como referência a plataforma Sumaúma, analisamos aqui as proximidades conceituais entre jornalismo ambiental e literário, construindo uma discussão sobre objetividade e subjetividade por meio das narrativas. Adotando a revisão bibliográfica como metodologia, as conclusões preliminares indicam que é possível compreender o estilo narrativo como um dispositivo de ativismo que pode contribuir para o fortalecimento do jornalismo ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; jornalismo literário; ativismo; subjetividade; objetividade.

Introdução

O jornalismo ambiental é um conceito novo no Brasil, somando pouco mais de 30 anos, originado no jornalismo científico. Foi perto da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992 – Conferência Rio 92 –, que passou a ser visto como uma dimensão profissional diferente do jornalismo científico. Serpenteando entre conferências, estudos e reportagens em editoriais específicas, o jornalismo ambiental começou a ser colocado como uma nova especialidade. “Jornalismo ambiental”, “ecojornalismo” e “jornalismo ecológico” foram

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); integrante no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES), ana.messias@edu.ufes.br.

³Orientadora, professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); coordenadora Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES), ruth.reis@ufes.br.

termos que surgiram a partir da década de 90, quando passou a ser mais amplamente discutido no jornalismo brasileiro (Loose; Belmonte, 2023).

Após alguns anos, nos preparativos para a realização da Rio-92, entre o final da década de 80 e início da 90, a discussão sobre um jornalismo ambiental como forma de denúncia e soluções, mais ligado ao ativismo que trazemos em discussão neste estudo, tomou força. Essas características contribuíram para a construção da especialidade no campo do jornalismo. Dessa forma, o jornalismo ambiental é visto como aquele que exige um “profissionalismo engajado” (Belmonte, 2017, p. 120), e precisa atuar em uma espécie de mobilização social para gerar ação, com influência do ativismo ecológico.

Um dos exemplos de jornalismo ambiental que temos hoje é a plataforma Sumaúma, criada em 2022, que tem como uma das fundadoras a jornalista Eliane Brum, reconhecida como grande referência de jornalismo literário do Brasil. O jornal on-line tem sede em Altamira, no Médio Xingu, no estado do Pará, e produz reportagens que mostram o estilo de vida dos povos e os conflitos e ameaças do território, numa proposta de defesa direitos da floresta (Brum et al, 2022).

As reportagens contam histórias a partir da perspectiva da floresta, não só dos povos, mas dos animais, das plantas e dos fungos, com um posicionamento marcado em defesa dos territórios retratados. Além do posicionamento ativista, seguem algumas das características do jornalismo literário, como a contação de história (Lima, 2010), utilização de fontes alternativas e exercício da cidadania (Pena, 2007).

Tendo como motivação a experiência realizada no Sumaúma, a seguir discutimos as conexões entre jornalismo ambiental e literário, especialmente no que essa convergência interpela conceitos basilares do jornalismo como a objetividade, e também os mitos da imparcialidade e neutralidade. Procuramos ainda especular sobre o jornalismo literário conectado ao ambiental, como dispositivo ativista para a disputa de atenção para as causas ambientais.

Portanto, nosso artigo busca uma reflexão partindo de conceitos que conversem com as características do jornalismo ambiental e literário, abrindo os caminhos para pensar em uma formulação que difere do puramente ativista para a união ao formato literário, criando conexões com os receptores da mensagem.

A (não) objetividade no jornalismo ambiental

Buscando uma definição para o jornalismo ambiental, Girardi, Loose e Steigleder (2021) pontuaram algumas características, como: mostrar uma visão sistêmica dos fatos; não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade; e assumir um papel educativo nas pautas. Essas características também se coadunam com as definições de Jornalismo Literário, que colaboraram para o conceito de Jornalismo Ambiental. “Para pesquisar Jornalismo Ambiental não basta estudar o Jornalismo, é necessário compreender também o campo ambiental” (Girardi, Loose e Steigleder, 2021, p.152).

Para entender como essa dinâmica ativista acontece no jornalismo ambiental, Girardi et al, (2018) defende o Paradigma Ecológico (PE) como uma base de pensamento que vai influenciar no fazer jornalístico para estes temas. O PE propõe uma visão de mundo baseada nas ideias da ecologia, de comunidades ecológicas e ecossistemas, que identificam relações mútuas e a interdependência de todos os sistemas. Trata-se de um paradigma que dá conta da “complexidade do mundo social, da fragilidade do ambiente natural, da dimensão educativa da profissão e da Ética do Cuidado com que deve ser exercida” (Girardi et al, 2018, p.7).

Podemos entender a lógica ativista para o jornalismo ambiental como a força que vai afastar a neutralidade e a imparcialidade, já que, segundo Loose e Belmonte (2018), estas geram produções jornalísticas enraizadas no pensamento neoliberal, que naturalizam a destruição da biodiversidade em nome da defesa do crescimento econômico a qualquer custo. Por isso, a proposta de um jornalismo ativista é de atuar com elementos interdisciplinares, como propostos no Paradigma Ecológico, em busca de romper com o mito da imparcialidade e da neutralidade no jornalismo e, por consequência, construir adequadamente os problemas e as soluções.

Essa ideia pode ser relacionada com o que Genro Filho (1987) propõe a partir de uma teoria marxista do jornalismo, quando defende que o jornalismo é uma forma de conhecimento do mundo que tem o singular como categoria central. Ele critica a forma ingênua como o senso comum entende a objetividade do jornalismo e que dá base a muitas das teorias que circulam na práxis profissional.

Para Genro, “não é a objetividade evidenciada diretamente pelos sentidos que constitui o concreto, mas a síntese de suas múltiplas determinações enquanto concreto pensado”, (Genro, 1987, p.10) e compreende “as determinações subjetivas como algo real e ativo, uma dimensão constituinte da sociedade, mas que só pode ser apanhada logicamente em sua dinâmica como momentos de uma totalidade que tem na objetivação seu eixo central” (Genro, 1987, p.11). Objetividade e a imparcialidade são mitos ideológicos, já que a universalidade proposta é mediada por interesses particulares, sobretudo da burguesia (Genro Filho, 1987). É nesta linha que o autor chega ao conceito de “objetividade subjetivada”, entendendo que a constituição dos fatos acontece por meio de processos de subjetivação, mediados pela ideologia.

Henriques (2018) toma a objetividade jornalística como conceito fundamental para a atividade, que serve de orientação não somente para a prática dos jornalistas, como também para os seus diversos públicos no consumo diário de notícias. Ele busca despolarizar objetividade e subjetividade, entendendo que o conceito de verdade, jornalisticamente atrelado à objetividade, é fruto de uma sociedade interpretativa, assim como também antecipamos com Genro Filho (1987). A interpretação, que chega por meio da perspectiva atrelada à subjetividade, é, portanto, de onde se retira o critério de verdade. O fato (objetividade) e a perspectiva (subjetividade) são frutos de uma mesma realidade.

É por este caminho que podemos pensar em um jornalismo ambiental ativista, no qual a subjetividade não é camuflada (Loose e Belmonte, 2018). Podemos identificar o ativismo em Sumaúma quando os jornalistas se posicionam “ao lado dos povos-floresta na linha de frente da guerra movida contra a natureza” (Brum et al, 2022), o que não só reforça a abordagem ativista dos assuntos, mas se constitui também como uma forma de ativismo ao utilizar como pano de fundo para a construção das reportagens na plataforma, que são formuladas a partir do jornalismo literário. Portanto, buscamos identificar como o jornalismo literário atua para reforçar o ativismo nas reportagens, promovendo um diálogo entre os dois temas.

Jornalismo literário, narrativa e ativismo

Entendendo o que tratamos neste estudo como objetivo e subjetivo, estes conhecimentos são expressados no jornalismo pelas narrativas, entendidas por Motta (2005, p.1) como

“dispositivos argumentativos” por meio dos quais é possível “colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico”, sendo “assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo”. Partindo da lógica de que as pessoas vivem narrativamente, o jornalismo explora "o fático para causar efeito de real (objetividade), e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades) (Motta, 2005, p.2). O discurso narrativo é explorado para causar efeitos de sentido.

É, então, explorando o caminho dos processos de narrativa que é possível estabelecer uma relação com o jornalismo literário que pode constituir uma forma de promover a dimensão ativista do jornalismo ambiental, como buscamos analisar neste estudo. Pena (2007) traz a conceituação de jornalismo literário a partir dos dois gêneros separados, o jornalístico e o literário, que se encontram e se transformam em um terceiro gênero, como uma linguagem de transformação expressiva e informacional.

Podemos completar com Lima (2010), quando mostra que, diferente do jornalismo convencional, o jornalismo literário mostra o fato, em vez de somente contar. Procura, portanto, inserir o leitor na história e, com recursos narrativos, fornecer uma experiência sensorial e simbólica de quem está tendo contato com aquilo narrado na reportagem. É o que propõe Sumaúma, quando os jornalistas afirmam que querem contar as histórias da Amazônia, assim como “histórias que acontecem em outras partes do planeta a partir da floresta e da perspectiva de seus vários povos, assim como da melhor ciência do clima e da Terra” (Brum et al, 2022).

Com os processos narrativos, outras características ajudam a moldar o jornalismo literário, por exemplo, a cidadania, como destaca Pena (2007). O jornalista, ao escolher um tema, deve pensar em uma abordagem que contribua para a formação do cidadão que está lendo e em um texto que seja, também, educativo, por isso o jornalismo ambiental também se aproxima do jornalismo literário, o que dará a característica ativista desta especialidade (Girardi, Loose e Steigleder, 2021).

Considerações finais

O jornalismo ambiental, o literário, a objetividade subjetivada e o ativismo atravessam diversas vezes o campo de estudos em jornalismo e, em alguns momentos, se cruzam.

Há relação entre jornalismo ambiental e literário, como proposto por Girardi, Loose e Steigleder (2021), entre ativismo e subjetividade, como pensado por Loose e Belmonte (2017), entre objetividade e subjetividade, com Genro Filho (1987) e entre subjetividade e narrativas jornalísticas com definido por Motta (2005). A partir desses pontos de encontro, é possível entender que o jornalismo literário pode ser um dispositivo de ativismo no jornalismo ambiental, utilizando a plataforma Sumaúma como referência. As condutas do jornalismo literário podem contribuir para o fortalecimento do jornalismo ambiental e para maior sensibilização para as causas ambientais, na medida em que possibilita um investimento narrativo que promove maior proximidade e engajamento do destinatário dos seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

- BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, 2017.
- BRUM, et al. **SUMAÚMA – jornalismo do centro do mundo**. SUMAÚMA, Pará. 1º de setembro de 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/quem-somos/>
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Editora Tchê!, 1987.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Editora Metamorfose, 2018.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. **O esforço de alfabetização ecológica do campo jornalístico. Trajetórias de pesquisa em comunicação: temas, heurísticas, objetos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 268 pp 151-166, 2021.
- HENRIQUES, Rafael Paes. **O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas**. Griot: revista de filosofia, v. 17, n. 1, p. 256-268, 2018.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo, Clube dos Autores, 2010.
- LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar. **O ATIVISMO NO JORNALISMO AMBIENTAL: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil**. Brazilian journalism research, v. 19, n. 3, p. e1594-e1594, 2023.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005. p. 05-09
- PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo, n. 17, p. 43-58, 2007.